



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 21/04/2023 a 27/04/2023

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>21/04/2023</b>	14,83	445,70	53,40	6,61	6,63
<b>24/04/2023</b>	14,65	439,50	52,56	6,43	6,51
<b>25/04/2023</b>	14,45	434,80	51,71	6,38	6,46
<b>26/04/2023</b>	14,36	426,00	52,08	6,27	6,41
<b>27/04/2023</b>	14,26	427,90	50,78	6,14	6,27
<b>Média</b>	<b>14,51</b>	<b>434,78</b>	<b>52,11</b>	<b>6,37</b>	<b>6,46</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>		
RS – Panambi	<b>S/C</b>	
RS – Não Me Toque	<b>125,00</b>	
RS – Londrina	<b>124,00</b>	
PR – Cascavel	<b>124,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>118,00</b>	
MS – Maracaju	<b>121,00</b>	
GO - Rio Verde	<b>115,00</b>	
BA – L.E.Magalhães	<b>115,00</b>	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	<b>64,00</b>	CIF
Porto de Paranaguá	<b>69,00</b>	CIF
Porto de Rio Grande	<b>S/C</b>	
RS – Não-Me-Toque	<b>60,00</b>	
SC – Rio do Sul	<b>60,00</b>	
PR – Cascavel	<b>55,00</b>	
PR – Londrina	<b>55,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>58,00</b>	
MS – Maracaju	<b>51,00</b>	
SP – Itapetininga	<b>65,00</b>	
SP – Campinas	<b>67,50</b>	CIF
GO – Rio Verde	<b>56,00</b>	
GO – Jataí	<b>56,00</b>	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Panambi	<b>S/C</b>	
RS – Não Me Toque	<b>68,00</b>	
PR – Londrina	<b>74,00</b>	
PR – Cascavel	<b>74,00</b>	

Período: 26/04/2023

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 27/04/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	<b>66,48</b>	<b>135,04</b>	<b>72,00</b>

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
27/04/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	<b>86,93</b>
Feijão (saco 60 Kg)	<b>265,20</b>
Sorgo (saco 60 Kg)	<b>53,00</b>
Suíno tipo carne (Kg vivo)	<b>5,93</b>
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	<b>2,61**</b>
Boi gordo (Kg vivo)*	<b>9,54</b>

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Fevereiro/23, cf. Cepea/Esalq  
ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

Nesta última semana de abril as cotações da soja, em Chicago, recuaram fortemente. O grão perdeu quase um dólar por bushel entre 18 e 27 de abril, com o fechamento desta quinta-feira (27) ficando em US\$ 14,26/bushel, contra US\$ 14,97 uma semana antes. A forte queda no farelo e no óleo ajudou a puxar para baixo o grão. O farelo chegou a US\$ 426,00/tonelada curta, no dia 26/04, algo que não era visto desde o início de dezembro do ano passado. Já o óleo bateu em 50,78 centavos de dólar por libra-peso, no dia 27/04, a mais baixa cotação desde março de 2021, portanto, há mais de dois anos.

Ajudou, ainda, para o recuo, além da safra recorde no Brasil, apesar da quebra no Rio Grande do Sul, o fato de que o plantio da nova safra de soja nos EUA avançar rapidamente. O mesmo chegava a 9% da área esperada, no dia 23/04, contra 4% na média histórica para a data.

Por outro lado, os embarques de soja, por parte dos EUA, começam a marcar passo, sendo que na semana encerrada em 20 de abril o volume atingiu a apenas 374.960 toneladas, ficando próximos do limite mínimo esperado pelo mercado. Com isso, o total embarcado, até o momento, no atual ano comercial, soma 47 milhões de toneladas, apenas 1% acima do realizado no mesmo período do ano anterior.

A situação é tão especial que a forte queda, nos preços internos brasileiros da soja, está levando os EUA a importarem a oleaginosa de nosso país. Nestes dias, dois navios, somando um total de 79.150 toneladas estariam embarcando a soja brasileira com destino aos EUA. O CS Satira, afretado pela The Andersons, deve zarpar no dia 30 de abril levando 33.000 toneladas de soja brasileira do porto de Santarém. Já um volume maior, de 46.150 toneladas, tem a Bunge como afretadora e teria sido embarcado no porto de Itacoatiara em 25 de abril. (cf. Notícias Agrícolas)

Efetivamente, diante da enorme safra nacional, e do fato de que os produtores seguraram o produto esperando melhores preços, apesar dos alertas, levaram à disponibilidade de muito produto neste momento no Brasil. Isso choca-se com o problema crônico da logística nacional, e temos prêmios negativos nos portos e preços em constantes baixas no interior do país. Os Indicadores ESALQ/BM&FBovespa – Paranaguá (PR) e CEPEA/ESALQ – Paraná chegaram a operar nos menores patamares desde meados de setembro/20, em termos nominais, nestes últimos dias. A situação só não foi pior porque o câmbio voltou a trazer o Real para níveis ao redor de R\$ 5,05 por dólar nesta semana, embora na quinta-feira (27) já tenha retornado à casa dos R\$ 4,97.

Soma-se a isso o fato de que vai se confirmando o quadro indicado no início do ano, de que a demanda da China, por soja brasileira, está aquém do esperado, o que explica o fato de o país, mesmo com uma safra recorde, não estar batendo máximas mensais de exportação.

Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 135,04/saco, enquanto as principais praças locais negociaram o produto a R\$ 125,00. Nas demais praças nacionais os preços giraram entre R\$ 115,00 e R\$ 124,00/saco.

Dito isso, as exportações de soja por parte do Brasil atingiram a média diária de 802.400 toneladas até a terceira semana de abril, superando com folga a média de abril do ano passado, que foi de 603.800 toneladas. Isso pode ser o primeiro sinal de que, ao menos nas vendas externas, o quadro está melhorando. Afinal, a safra, agora, começa a ficar disponível, após o grande atraso na colheita (o Rio Grande do Sul ainda está colhendo, devendo entrar maio à dentro nesta tarefa, algo muito raro). Em tal contexto, o Brasil já exportou, em abril, 10,4 milhões de toneladas de soja, contra 11,5 milhões em todo o mês de abril do ano passado. Lembrando que o recorde mensal se deu em abril de 2021, quando a exportação somou 16,1 milhões de toneladas, segundo a Secex.

Por enquanto, em números revisados, a Anec estima que o Brasil terminará exportando um total de 14,7 milhões de toneladas de soja em abril. Em tal contexto, já se projeta um recorde de 118,1 milhões de toneladas, de todo o complexo soja, a serem exportadas neste ano. Isso representaria 16,1% acima do volume exportado em 2022. Seriam 94 milhões de toneladas do grão, 21,5 milhões de farelo e 2,6 milhões de toneladas de óleo de soja. Isso tudo se a safra atual fechar, no Brasil, efetivamente entre 153 e 155 milhões de toneladas.

Enfim, diante do atual quadro de mercado que se apresenta no país e no mundo, na atualidade, a grande dúvida que se instala entre os produtores brasileiros é se vendem agora ou deixam a comercialização para mais tarde (isso para aqueles que podem esperar). Lembrando que a realidade é diferente para cada caso, porém, de forma geral a possibilidade de preços um pouco melhores para o segundo semestre não se descarta, especialmente vinda dos prêmios. Entretanto, haverá muita soja para comercializar no segundo semestre, pois até o momento, pouco menos da metade da safra 2022/23 foi comercializada. Esta grande oferta, dependendo de como virá a nova safra dos EUA, pode derrubar Chicago (para novembro, momento da entrada da safra estadunidense, esta Bolsa cotava o bushel em apenas US\$ 12,66 neste final de abril). O problema, para carregar a soja até o segundo semestre, na busca de melhores preços, é que não se tem certeza de melhorias substanciais no valor do saco de soja, longe disso. Além do fato de que isso causa custos financeiros, de armazenagem, quebra técnica etc. Será preciso muitos cálculos e uma boa gestão financeira do negócio. O quadro piora para os gaúchos diante de mais uma safra quebrada. Assim, no conjunto da obra, mesmo os preços melhorando no segundo semestre, será preciso uma melhora bem significativa para compensar a espera, especialmente diante dos atuais juros praticados no Brasil. Com isso, cada produtor deve rever suas estratégias, fazer suas contas e definir um rumo a tomar. O quadro é bem mais difícil para quem não adota o sistema de média de comercialização, procurando trabalhar na construção de uma média de preço no conjunto da safra, o que não é novidade. Por outro lado, é preciso muito cuidado, pois mantidas as condições atuais em Chicago (especialmente uma nova safra normal nos EUA), quem deixar para vender no segundo semestre "não pode esquecer que vai vender com menos US\$ 2,00/bushel em Chicago, fato que exigirá que os prêmios estejam muito positivos para não perder dinheiro. É uma conta que precisa de muita atenção", portanto. Ou seja, o quadro de preços tende a ser melhor no segundo semestre, porém, pode não ser compensador para muitos. (cf. Notícias Agrícolas)

Por exemplo: considerando um câmbio se mantendo ao redor de R\$ 5,00, Chicago ao redor de US\$ 12,70/bushel como está indicando a Bolsa neste momento; e prêmios

melhorando para US\$ 0,80/bushel positivo, o preço da soja no Rio Grande do Sul, na média, tende a ficar ao redor de R\$ 128,00/saco na primeira parte do próximo semestre, ou seja, praticamente nos mesmos níveis de hoje, todas as demais variáveis não se modificando. Lembrando que para carregar a soja até o segundo semestre há os custos adicionais já citados. Dito isso, alertamos que estas são tendências apenas, para orientação na tomada de decisão de cada um, pois certeza ninguém tem.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, também recuaram nesta semana, chegando ao menor nível desde meados de março do corrente ano. O fechamento desta quinta-feira (27), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 6,27/bushel, contra US\$ 6,63 uma semana antes.

Auxiliou para este comportamento, o fato de que, até o dia 23/04, o plantio do cereal nos EUA atingia a 14% da área esperada, contra 11% na média histórica, sendo que 3% das lavouras já têm trigo emergido.

Por outro lado, os embarques de milho estadunidense, na semana encerrada em 20 de abril, somaram 918.813 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. O total embarcado, no atual ano comercial, soma 22,4 milhões de toneladas, o que significa 36% a menos do que o realizado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, os preços do milho igualmente recuam fortemente. A menor demanda e o avanço da colheita de verão, além de uma expectativa de safrinha recorde, se o clima ajudar, empurram os preços para baixo. Soma-se a isso o fato de que os compradores se mantêm pouco atuantes no mercado, esperando novas quedas nos preços internos, especialmente no segundo semestre, quando entra a safrinha.

Assim, a média gaúcha no balcão ficou em R\$ 66,48/saco, sendo que praças do sul do país negociam o produto a R\$ 60,00/saco. Nas demais regiões brasileiras pesquisadas, os preços oscilaram entre R\$ 51,00 e R\$ 65,00/saco.

Já na B3 o recuo também se faz sentir, com o fechamento da quarta-feira (26), para referência, ficando em R\$ 65,96/saco para o contrato maio; R\$ 65,16 para julho; R\$ 66,55 para setembro e R\$ 69,35/saco para novembro.

Segundo o mercado, preços entre R\$ 65,00 e R\$ 70,00/saco ficam interessantes para a indústria de ração, etanol e para exportação. Com isso, o espaço para recuos mais expressivos pode ter chegado ao fim. O problema passaria a ser o fato de não haver liquidez quando se chegar à colheita da safrinha, a partir de junho/julho, além dos problemas logísticos. Neste caso, não se descarta prêmios negativos para o milho destinado à exportação. (Cf. Brandalitze Consulting)

Dito isso, nas três primeiras semanas de abril o Brasil exportou 419.979 toneladas de milho, o que significa 60,8% do milho exportado em todo o mês de abril de 2022. Assim, a média diária de exportação está, hoje, 11,1% menor do que a de abril do ano passado. Mesmo assim, parte do mercado espera que o Brasil chegue a 50 milhões de toneladas exportadas em 2023, fato que poderia segurar os preços internos do cereal.

Porém, este volume a ser exportado pode não ser alcançado, com o mesmo ficando entre 40 e 45 milhões de toneladas. Neste mês de abril o preço médio da tonelada exportada é de US\$ 305,10, ou seja, 9,1% abaixo do registrado no mesmo mês do ano passado.

Enquanto isso, a Conab, anunciou, na semana, que a colheita da safra de verão atingiu a 59,6% da área, contra 65,7% no mesmo período do ano anterior. O Rio Grande do Sul estaria com 83% de sua área já colhida. Já para a segunda safra brasileira, a Companhia indica que 100% da área prevista está semeada, havendo 12,6% em enchimento de grãos, 45% em floração e 41,7% em desenvolvimento vegetativo.

E no Mato Grosso do Sul, o plantio da safrinha estando finalizado, espera-se uma colheita em torno de 11,2 milhões de toneladas, o que seria 12,3% menor do que o registrado no ano anterior. O maior problema é que 54% da área foi semeada fora da janela ideal. Além disso, o preço médio voltou a recuar na semana entre o 17 e o 24 de abril, perdendo 11,4%, para se estabelecer em R\$ 51,14/saco. (Cf. Famasul)

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, despencaram nesta semana. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (27) em US\$ 6,14/bushel, contra US\$ 6,67 uma semana antes. O mercado está em um dos raros momentos em que o bushel de milho (25,4 quilos) vale mais do que o bushel de trigo (27,21 quilos). No dia 27/04 a relação era de US\$ 6,14/bushel para o trigo, contra US\$ 6,27 para o milho. O atual preço do trigo é o mais baixo, em Chicago, desde o dia 09 de julho de 2021, portanto, há mais de 22 meses.

A queda nos preços do cereal se deu em função de notícias de que a oferta mundial, no curto prazo, será importante, apesar das dificuldades da Ucrânia devido à guerra e das fortes perdas na Argentina. Mas a produção brasileira, que praticamente dobrou no ano passado, com possibilidades de se repetir neste ano, e mais o aumento da área semeada no Canadá, tendem a compensar estas quebras. Além disso, espera-se que a nova produção da Argentina venha bem melhor, após a frustrada safra anterior. No caso do Canadá, o plantio deverá atingir a 10,9 milhões de hectares, sendo a maior área dos últimos 22 anos.

Vale ainda destacar que as inspeções de navios, para o transporte de grãos da Ucrânia, pelo corredor do Mar Negro, foram retomadas, ajudando a provocar esta queda nas cotações do milho e do trigo na Bolsa de Chicago. (Cf. Globo Rural)

Por sua vez, nos EUA, o trigo de primavera vem sofrendo atraso no plantio, registrando 5% da área no dia 23/04, contra 12% na média histórica. Ao mesmo tempo, as condições das lavouras de trigo de inverno voltaram a piorar, com 26% apenas estando entre boas a excelentes, 33% regulares e 41% entre ruins a muito ruins. Mas isso ainda não está sendo contabilizados pelo mercado.

Já em termos de embarques de trigo, na semana encerrada em 20/04, os EUA registraram um volume de 363.826 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. O total embarcado no ano comercial soma 17,9 milhões de toneladas, ficando 3% menor do que o registrado em igual período do ano anterior.



Especificamente em relação à Ucrânia, as exportações de trigo devem recuar 37% neste ano 2023/24 (julho a junho), ficando em 8,8 milhões de toneladas, devido à guerra. A colheita geral de grãos, da Ucrânia, pode cair 13%, para 45,6 milhões de toneladas, em relação à temporada anterior, incluindo 16,2 milhões de toneladas de trigo, 5,2 milhões de toneladas de cevada e 22,9 milhões de toneladas de milho. A Ucrânia colheu um recorde de 86 milhões de toneladas de grãos em 2021, incluindo 32 milhões de toneladas de trigo, antes da invasão do país pela Rússia. (Cf. APK-Inform)

E aqui no Brasil, o viés de baixa do trigo se consolidou nesta última semana de abril. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 72,00/saco, enquanto as principais praças do Estado praticaram R\$ 68,00. No Paraná, os preços médios vieram para R\$ 74,00/saco nas principais regiões produtoras. E isso ocorre mesmo com o Real de valorizando um pouco, saindo de R\$ 4,92 para R\$ 5,05 por dólar na semana. Ocorre que a demanda dos moinhos continua muito fraca.

Enfim, segundo estudo feito pela Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo), tem-se que, em 2022, o Brasil apresentou estabilidade em relação ao volume de trigo moído, na comparação com o ano anterior. Isso porque a demanda por farinha de trigo igualmente se estabilizou. Foram processadas 12,56 milhões de toneladas, originando cerca de 8,5 milhões de toneladas de farinha. Os principais setores que receberam a farinha de trigo produzida foram o de panificação e pré-misturas (42,6% do total), da indústria de massas (12,5%) e da indústria de biscoitos (10%). Por região do país, tem-se que a moagem de trigo no Paraná representa 30% do total nacional, englobando 45 plantas moageiras. As 2,68 milhões de toneladas de farinha de trigo produzidas em indústrias paranaenses foram destinadas, principalmente, para panificação e pré-misturas (35,4%), para a indústria de massas (17,7%) e de biscoitos (15,9%). Já as regiões Norte e Nordeste corresponderam a 26% do total de trigo moído, com as 12 plantas nas duas regiões produzindo um volume de 1,89 milhão de toneladas de farinha, que tiveram como destaque de destinos a panificação e pré-mistura (42,5%), embalagens de um quilo (15,9%) e a indústria de massas (11,9%). Já os moinhos do Rio Grande do Sul processaram 15% do trigo utilizado pelo setor, em 32 plantas industriais, gerando cerca de 900.000 toneladas de farinha, que foram consumidas pelos setores de panificação e pré-mistura (47,4%), embalagens de cinco quilos (11,7%), e indústria de biscoitos (7,3%). No caso de São Paulo, a moagem realizada corresponde a 13% do montante brasileiro, em 15 plantas moageiras. O volume de farinha produzido foi de 1,43 milhão de toneladas, cujas principais destinações foram para panificação e pré-mistura (49,3%), embalagens de cinco quilos (13,4%) e indústria de massas (9%). Para efeito do cálculo da pesquisa, os 19 moinhos da região Centro-Oeste do Brasil e dos Estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro foram agrupados e, juntos, moeram 10% do trigo endereçado à indústria de processamento. Essa quantidade do cereal gerou 1,25 milhão de toneladas de farinha, que foram utilizadas para panificação e pré-misturas (44,4%), indústria de massas (14,2%) e embalagens de um quilo (13,9%). Por fim, Santa Catarina processou 5% de todo o cereal utilizado no País, produzindo mais de 320.000 toneladas de farinha de trigo, que foram endereçadas, principalmente, para panificação e pré-misturas (51,6%), indústria de biscoitos (21,2%) e embalagens de cinco quilos (11,7%). Nota-se que as diferentes regiões brasileiras possuem um perfil muito semelhante quanto à distribuição da farinha de trigo produzida. (cf. Abitrigo)